ISSN: 2358-8829

ENTRE VOZES ANCESTRAIS E SABERES DOCENTES: LEITURA DE LITERATURA INDÍGENA COM PROFESSORES

Joseany L. G. Perinelli [1]
Aldenice Auxiliadora de Oliveira [2]
Cristiane Marques Oliveira Nunes da Costa [3]

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço de formação humana, tem o compromisso de promover práticas que valorizem a pluralidade cultural e favoreçam a construção de leitores críticos, sensíveis e capazes de compreender as múltiplas vozes que constituem a sociedade brasileira. Nesse cenário, a literatura indígena emerge como um campo fundamental de estudo, por revelar perspectivas históricas, sociais e simbólicas frequentemente silenciadas e invisibilizadas no cotidiano escolar. Inserir essas narrativas no contexto formativo das professoras do Ensino Fundamental I significa não apenas ampliar o repertório literário, mas possibilitar o encontro com modos diversos de compreender o mundo, as relações humanas e a própria noção de identidade. Assim, a leitura literária torna-se um instrumento potente de diálogo intercultural, contribuindo para a desconstrução de estereótipos historicamente cristalizados sobre os povos originários.

Ademais, compreender a literatura indígena como uma expressão viva de memória, ancestralidade e resistência exige uma abordagem que vá além da simples apreciação estética do texto. É necessário considerar a relação dinâmica entre texto e leitor, reconhecendo que cada sujeito acessa a obra carregado de expectativas, crenças, impressões e imaginários que moldam sua interpretação. De acordo com Segabinazi (2011, p. 60), essa "concepção altera o foco do texto literário, evidenciando que a obra não possui mais uma significação única e imutável, impassível de outras interpretações".

Diante disso, este trabalho fundamenta-se nos princípios teóricos metodológicos da Estética da Recepção, como teoria que nos dá embasamento, e do Método Recepcional, no qual podemos fundamentar o passo a passo do trabalho. Ou seja, os quais orientam um

[1] Doutoranda do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, joseanyperinelli@email.com;
[2]Doutoranda do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, aldenice.auxiliadoraufpb@email.com;
[3]Mestranda do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, contatocrismarquesprof@@email.com

caminho de trabalho que parte das expectativas iniciais das leitoras, passa pelo diálogo crítico com os textos e culmina na ampliação de suas percepções sobre a literatura, no nosso caso, a literatura indígena. Trata-se de um movimento formativo que acolhe o repertório prévio das participantes, mas também provoca rupturas e reflexões que possibilitam a transformação das leituras de mundo.

Conforme Bordini e Aguiar (1993), o Método Recepcional de ensino de literatura põe em destaque o familiar e o novo; além disso, apoia-se no diálogo em todas as suas formas, seja entre o oral e o escrito, com os pares ou consigo mesmo. Visto por outro lado, podemos afirmar que é um método dialógico por excelência. Desse modo, as autoras supracitadas propõem que o trabalho com o texto literário seja realizado em cinco etapas, que apresentaremos mais adiante.

Assim, este artigo busca refletir sobre as potencialidades do trabalho com a literatura indígena e os espaços de diálogo acerca do texto literário na formação de professores mediadores. Dessa forma, esta pesquisa se volta para o estudo sobre a leitura do texto literário com professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, a fim de apresentar propostas de leitura que promovem experiências estéticas com a literatura, a formação leitora, bem como propõem reflexões e transformações nos espaços de conversa e escuta acerca do texto literário.

Outrossim, a proposta que ora apresentamos justifica-se por buscar inserir a literatura indígena na escola como uma ferramenta de poder, para a sensibilidade e o reconhecimento, para a crítica e para o respeito às identidades e histórias que compõem o tecido da sociedade brasileira. A respectiva prática foi desenvolvida em uma escola da rede municipal de João Pessoa com um grupo de quatro professoras. Por questões de ética da realização da pesquisa, o nome da escola, bem como o das participantes, será mantido em sigilo.

Mediante o exposto, esta pesquisa apresenta algumas reflexões teóricas iniciais, acerca da literatura indígena, enquanto elemento central da nossa discussão. Em seguida, traz um recorte das sessões de leitura, vivenciadas com professoras participantes. Desse modo, este estudo está organizado em três seções, excetuando-se este texto introdutório e as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

ISSN: 2358-8829

A Literatura Indígena compreende diferentes formas de expressão e produção de conhecimento dos povos indígenas constituídas historicamente pela oralidade. Essas obras produzidas por escritores indígenas, encontram vozes, experiências, memórias, saberes e modos próprios de compreender e significar o mundo. Sua presença no espaço escolar, portanto, amplia as possibilidades de contato dos leitores com perspectivas que, durante muito tempo, permaneceram à margem das práticas de leitura e do ensino de literatura. A inserção da literatura indígena na Educação Básica ganha ainda maior relevância após a implementação da Lei 11.645/08, que determina o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena na Educação Básica de todo o país. A partir dessa legislação, verifica-se a ampliação dessas obras nas escolas; coloca-se também em evidência a necessidade de pensar sobre a atuação docente. Não se trata apenas de disponibilizar os livros ou de inserir a temática indígena no planejamento escolar, mas de criar condições para que essas produções sejam lidas e trabalhadas considerando suas especificidades, seus contextos de produção e as vozes que as constituem.

Nesse sentido, uma formação que aproxime os professores da Literatura Indígena pode contribuir para ampliar seus conhecimentos e repertórios, favorecendo a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis à diversidade dos povos indígenas e comprometidas com o reconhecimento de suas diferentes formas de expressão. Os professores encontram-se diante de um cenário distinto daquele vivenciado em períodos anteriores, uma vez que as escolas passaram a contar com maior acesso a obras literárias de autoria indígena, sobretudo aquelas disponibilizadas pelos programas de fomento à leitura como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). De acordo com Jekupé (2020, p. 115), "[...] hoje existem muitas pesquisas acadêmicas sobre autores indígenas, de modo que, através deles, os autores começam a ser mais destacados nas universidades". O autor acrescenta:

> Por isso, quero dizer que nossa literatura nativa vai crescer aos poucos, e sei que vai ser importante, porque esses livros irão clarear a mente da sociedade e valorizar o nome dos povos indígenas no Brasil e ver que somos um povo capaz também, porque a visão da sociedade sobre nós é péssima, às vezes que somos atrasados, primitivos, incapazes, mas não, somos apenas diferentes culturalmente (Jekupé, 2020, p. 115).

Corroborando o autor supracitado, entendemos que a produção literária indígena vem conquistando cada vez mais espaço, revelando um processo de crescimento. No

ISSN: 2358-8829

entanto, é preciso ter clareza de que a presença dos livros nas escolas não garante, por si só, uma prática pedagógica que reconheça a diversidade dos povos indígenas e rompa com representações estereotipadas. Nesse sentido, torna-se fundamental pensar na formação dos professores para o trabalho com a Literatura Indígena, oferecendo subsídios que favoreçam a leitura e a mediação dessas obras de maneira crítica e contextualizada. Assim, a formação de professores pode contribuir para que essas obras sejam utilizadas de maneira significativa no espaço escolar, considerando a diversidade de linguagens e elementos presentes nessas produções, nas quais, como afirma Thiél (2012, p. 99), "palavra-voz-imagem se fez palavra-letra-imagem".

METODOLOGIA

A pesquisa que aqui apresentamos situa-se no rol dos estudos aplicados voltados para discussões em torno da formação leitora do professor da Educação Básica no que tange à sua relação com a literatura indígena. Nesse sentido, adotamos como percurso metodológico a realização de sessões de leitura literária com um grupo de professoras da rede pública municipal de João Pessoa. A escolha pela unidade de atuação se deu em virtude de uma das autoras atuar na unidade, bem como pelo percurso formativo das docentes que nela atuam. Destaca-se que o corpo docente da escola possui vivência nos aspectos teóricos e metodológicos do trabalho com a literatura infantil. Na sessão intitulada "Prática de leitura literária à luz do método recepcional" descrevemos de modo mais claro como se deu cada um dos encontros.

Nesta prática, propomos um processo gradual e intencional de aproximação com obras de autoria indígena contemporânea, destacando a escrita de mulheres indígenas e de autores que trabalham temas como identidade, memória, pertencimento, resistência e cosmologias próprias, ao longo de cinco encontros. Foram selecionados textos como A História de Poxi, de Glicéria Tupinambá; Tu és índio de verdade?, de Daniel Munduruku; Pequenas Guerreiras, de Yaguarê Yamã; A onça-pintada no pescoço de Kauany, a guardiã dos segredos, de Auritha Tabajara; e narrativas presentes na antologia Nós, organizada por Maurício Negro, que são compreendidos não apenas como produções literárias, mas como manifestações culturais que traduzem saberes ancestrais e modos de viver profundamente enraizados em diferentes povos.

No nosso entendimento, essas obras permitem que as professoras acessem uma diversidade de perspectivas que enriquecem a leitura e promovem movimentos significativos em relação às imagens cristalizadas sobre os povos indígenas. Para tanto, o percurso metodológico que construímos neste trabalho favorece o diálogo, a escuta ativa e a reflexão coletiva, elementos essenciais para o desenvolvimento de práticas de leitura comprometidas com a diversidade cultural. Ao acolher o horizonte de expectativas das participantes, romper concepções estereotipadas e ampliar a compreensão sobre as múltiplas expressões da literatura indígena, pretendemos contribuir para a formação de mediadoras de leitura capazes de promover experiências literárias mais inclusivas e significativas em suas salas de aula. A seguir, apresentamos a prática de leitura através de uma sequência de cinco etapas, como sugerem Bordini e Aguiar (1993). Nestes encontros, propomos um trabalho com a leitura literária a ser desenvolvido com as docentes.

PRÁTICA DE LEITURA LITERÁRIA À LUZ DO MÉTODO RECEPCIONAL

Como aplicação do método em tela, apresentamos uma prática de leitura voltada a professoras do ensino fundamental I, conforme mencionado. A formação básica exigida para estas profissionais é a licenciatura em Pedagogia, sendo ainda uma realidade presente de professoras que atuam a partir do curso técnico na modalidade Normal (Magistério).

Conforme exposto anteriormente, optamos por uma seleção de textos da literatura indígena. A primeira etapa intitulada “Determinação do horizonte de expectativa” (quadro 1), tem como objetivo levantar o horizonte de expectativas das professoras sobre as narrativas indígenas, compreendendo seus conhecimentos prévios, percepções e imagens relacionadas aos povos originários e à autoria feminina indígena. A partir disso, identificar possíveis estereótipos e lacunas que orientarão as estratégias de ruptura e transformação no decorrer dos encontros.

Quadro 1 – Determinação do horizonte de expectativas

Atividade 1 – preparatória (determinação do horizonte de expectativas)

ISSN: 2358-8829

1. Acolhida e contextualização: O ambiente foi preparado com elementos próprios da cultura indígena para recepcionar as professoras participantes, com o intuito de ativar sentidos, memórias e interesses à cultura indígena. Além de obras literárias de autoria indígena; cartazes com ilustrações e fotos que mostrem a diversidade dos povos indígenas brasileiros; artesanatos produzidos por artesãos locais etc.

O encontro foi iniciado com a acolhida ao grupo e a apresentação da proposta de leitura que será desenvolvida ao longo dos encontros. Em seguida, foi proposto que as professoras compartilhassem livremente o que pensam ou sentem ao ouvir expressões como 'literatura indígena', 'autoria feminina indígena', 'sabedoria ancestral' ou 'voz originária'. Com isso, pudemos identificar o repertório simbólico e cultural das participantes.

2. No segundo passo, foi proposto o contato com a obra física para que as professoras conhecessem o texto original, enquanto conversávamos a respeito da biografia da autora e curiosidades sobre o seu povo.

3. Na sequência, realizamos a proferição do conto 'A História de Poxi' - Glicéria Tupinambá - Povo Tupinambá.

Sem revelar o enredo, provocamos o grupo: *"O que esse título desperta em vocês?" "Quem imaginam que seja Poxi? O que 'Poxi' pode representar?..."* Realizada a leitura, seguimos para uma roda de conversa sobre o texto, observando imagens, cores, sons ou sentimentos que costumamos associar aos povos indígenas. Durante o diálogo, solicitamos que registrassem palavras-chave ou expressões representativas, por exemplo: *"floresta", "resistência", "sabedoria", "tradição", "distância cultural"*, para tornar visível o imaginário coletivo do grupo.

Fonte: Elaborado pelas autoras

A partir desta etapa, foi possível mapear o horizonte de expectativas, identificando tanto os conhecimentos prévios quanto as imagens idealizadas, lacunas ou tensões que apareceram como pontos para ruptura posterior.

O encontro seguinte é o momento do "Atendimento do horizonte de expectativas". Nesse encontro é proporcionada ao grupo experiência com outros textos que trazem como tema a identidade indígena (quadro 2). O objetivo desta etapa foi atender ao horizonte de

expectativas das leitoras por meio de um texto que dialoga com suas concepções iniciais sobre o que entendemos por ser indígena, acolhendo-as e convidando-as à reflexão sobre o imaginário construído socialmente a respeito dos povos originários. Neste sentido, optamos por diversificar também o gênero textual. Assim selecionamos uma crônica do autor Daniel Munduruku. O texto selecionado fala sobre o cotidiano escolar; nesse sentido, entendemos ser um texto que está mais próximo das professoras.

Quadro 2 – Atendimento ao horizonte de expectativas

Atividade 2 – Contextualização - (atendimento do horizonte de expectativas)
1. Apresentação do texto: *"Tu és índio de verdade?"* – Daniel Munduruku Apresentamos o autor Daniel Munduruku, destacando brevemente que ele é escritor, educador e membro do povo Munduruku. Acrescido de observações a respeito do povo Munduruku. Apresentamos a crônica, que faz parte da obra '*Crônicas indígenas para rir e refletir na escola'* de Daniel Munduruku. Uma leitura sobre identidade indígena e representações sociais, que possibilita ao leitor refletir sobre a questão de forma crítica, entremeada de humor e emoção. Para este texto propomos uma leitura compartilhada: cada participante leu um pequeno trecho de modo que as professoras se sentissem envolvidas com a leitura. 2. Após a leitura, passamos para uma conversa inicial sobre impressões a respeito do texto. Logo após a leitura, promovemos uma conversa com a seguinte questão norteadora: O que essa pergunta (que dá título à crônica) revela sobre a forma como a sociedade enxerga os povos indígenas? 3. Finalizamos o encontro com um pequeno exercício em duplas: *"Que perguntas semelhantes à 'Tu és índio de verdade?' ainda fazemos, conscientes ou inconscientemente, sobre o outro?"* Nesse momento, as professoras registraram as indagações e logo depois compartilhamos coletivamente.

Fonte: Elaborado pelas autoras

O terceiro encontro correspondeu a etapa de número três, ou seja, "Ruptura do horizonte de expectativas" (quadro 3). O objetivo nesta etapa é romper com as expectativas das leitoras de modo que abalem suas "certezas" no sentido dos temas

abordados nas narrativas indígenas. Assim, selecionamos os textos Pequenas guerreiras (2013) e A onça-pintada no pescoço de Kauany, a guardiã dos segredos (2023), escritos por Yaguarê Yamã e Auritha Tabajara, respectivamente. Trata-se de dois contos, igualmente da literatura indígena. No entanto, trazem em suas narrativas aspectos diferentes daqueles que costumamos encontrar nos textos indígenas que chegam às escolas. Dito de modo mais direto, essas narrativas apresentam elementos inerentes à humanidade, como vingança, temas que geralmente não são abordados nos textos que circulam no espaço escolar, sobretudo quando pensamos a literatura indígena, que, em muitos casos, se resume ao reconto de lendas.

Quadro 3 – Ruptura do horizonte de expectativas

Atividade 3 – Leitura compreensiva e interpretativa (ruptura do horizonte de expectativas)
1. Iniciamos com apresentação da obra a ser lida (A onça-pintada no pescoço de Kauany, a guardiã dos segredos). Mostramos a obra física para que as professoras observassem aspectos do projeto gráfico e ilustrações do livro. 2. Em seguida, trouxemos, por meio de slides, um recorte da biografia da autora (Auritha Tabajara) e algumas curiosidades sobre ela. Neste momento, além de seguir a estrutura da obra Originárias, que apresenta seus autores e sua origem, busca-se agregar informações sobre a vida profissional da autora. No caso de Auritha, uma informação relevante é que ela é a primeira mulher a escrever cordéis indígenas. 3. Na sequência, passamos à leitura da obra, seguida de uma roda de conversa sobre o texto, observando elementos particulares da cultura indígena que são percebidos por meio das ações/discursos das personagens. Nesta etapa, o texto foi explorado em diversos aspectos, desde as informações da própria narrativa até as conexões que surgiram a partir dele. 4. Para encerrar esse momento, convidamos as professoras a realizarem uma leitura individual (em casa) da obra Pequenas Guerreiras, anotando alguns questionamentos que para explorar o texto.

Fonte: Elaborado pelas autoras

ISSN: 2358-8829

Chegamos à etapa quatro: "Questionamento do horizonte de expectativas" (quadro 4). É o momento em que é proposta uma comparação entre os textos lidos, fazendo uma interlocução com os momentos anteriores. Este momento possibilita ainda que as leitoras revejam como os saberes acerca da literatura vão se construindo a partir dos textos trabalhados.

Quadro 4 – Questionamento do horizonte de expectativas

Atividade 4 – análise comparativa entre os textos (questionamento do horizonte de expectativas)
1. Como acolhida, relembramos as leituras iniciais, a partir da leitura proposta na quarta etapa, a fim de levar as professoras a refletirem sobre qual dos textos exigiu mais de sua compreensão e qual lhes rendeu maior grau de satisfação. 2. Num segundo momento, convidamos as docentes a comentar os textos Pequenas Guerreiras e A onça pintada no pescoço de Kauany, apontando semelhanças e diferenças entre eles. 3. Para concluir o encontro, sugerimos o compartilhamento das questões elaboradas a partir da leitura da obra Pequenas Guerreiras. As perguntas elaboradas foram respondidas de modo a fomentar um debate sobre os textos. Cada questão foi comentada por todo o grupo.

Fonte: Elaborado pelas autoras

A última etapa refere-se à "Ampliação do horizonte de expectativas" (quadro 5). Nesse encontro, o objetivo foi que as professoras reconhecessem as transformações ocorridas em suas percepções acerca da literatura indígena. Conforme destaca Segabinazi (2011), é um espaço para autocrítica dos leitores, tomando consciência do que foi alcançado e o que ainda há por fazer. Assim, buscou-se ampliar seus olhares para que se sentissem motivadas a explorar novas obras da literatura indígena. Portanto, será apresentado o livro Nós – Uma antologia de literatura indígena, organizado por Maurício Negro. A obra reúne dez histórias escritas por doze autores indígenas: são elas: "Amor Originário"; "Hariporia, a origem do açaí; "Guarũguá, o peixe-boi dos maraguá", "Yawareté Açu, o jabuti e a onça pintada"; "Jibikí Porikopô, o furto da panela de barro"; "Wató, a pedra do fogo"; "Wɯhɯ Siburu, peneira de arumã"; "Os raios luminosos";

“Pokrane e Kren, por que não havia gêmeos entre os Krenak”; “Kaudyly Umenobyry, nos primórdios dos tempos”.

Quadro 5 – Ampliação do horizonte de expectativas

Atividade – 5 Ampliação da leitura (ampliação do horizonte de expectativas)
1. Apresentação da obra Nós as professoras. A obra foi apresentada às participantes, com destaque para seus autores e contextos culturais, de modo a evidenciar a riqueza e a pluralidade da literatura indígena contemporânea. 2. Divisão e socialização das leituras. Os textos que compõem a obra foram divididos entre as professoras, organizadas em duplas. Cada dupla foi responsável por realizar a leitura prévia e apresentar uma narrativa específica de cada povo. Essa socialização possibilitou o diálogo entre diferentes tradições e a valorização da diversidade. Neste encontro, as docentes foram incentivadas a conhecer outros textos e gêneros de autoria indígenas. 3. A terceira etapa se encerra com uma sessão de cinema e um chá. A opção foi o documentário "Do colo da Terra (2025) dirigido por Renata Meirelles e David Vêluz (Território do Brincar / Instituto Alana). A abordagem traz a infância e a forte conexão com a natureza de quatro povos do Brasil: Guarani Kaiowá, Guarani Ñandeva, Baniwa e Kĩsêdjê. Após a exibição, sugerimos uma roda de conversa, relacionando os temas do filme com as leituras realizadas, refletindo sobre a importância da escuta profunda. Um momento em que as professoras pudessem compartilhar as experiências pessoais vivenciadas. 4. Pensando a particularidade do público envolvido, bem como dos objetivos propostos, como proposta complementar, planejamos uma imersão em um território indígena à realizar-se nos próximos dias, possibilitando às professoras uma vivência direta com as comunidades originárias. Essa experiência visa fortalecer o diálogo intercultural, ampliar a compreensão sobre a cosmovisão indígena e fomentar práticas pedagógicas mais sensíveis.

Fonte: Elaborado pelas autoras

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o ensino de literatura permite compreender o quanto essa prática exige sensibilidade e competência do professor que desempenha um papel essencial na formação de leitores. Nesta proposta, utilizamos obras literárias de autoria indígena como base para o trabalho efetivo com a leitura literária. Considerar a relação entre texto e leitor constituiu o eixo central deste estudo, que compreende a literatura indígena como uma possibilidade potente de leitura, capaz de problematizar conceitos, desconstruir estereótipos e ampliar a compreensão sobre a presença dos povos indígenas no Brasil. Assim, reforça-se a relevância de práticas que fomentem a formação de professores para o trabalho com a leitura de literatura, bem como fortaleçam as experiências pessoais com a literatura de modo sensível e abarquem a diversidade cultural, promovendo a atenção às múltiplas vozes presentes na literatura indígena. Dessa forma, a proposta apresentada conta com uma base teórico-metodológica que orienta o processo de ensino, essencial para desenvolver práticas de leitura literária.

No planejamento do percurso ora proposto, observou-se que a Estética da Recepção e o Método Recepcional são fundamentais na organização, contribuindo para promover uma aprendizagem significativa que envolve questões sociais e culturais. Tais conclusões ancoram-se na escuta das participantes e como responderam a cada encontro proposto. Ademais, percebeu-se que as narrativas ampliaram o horizonte de expectativas das leitoras, pois valorizaram a história, os costumes, a língua, que expressa a força de um povo que é silenciado há séculos. No nosso entendimento, essa abordagem possibilitou que as professoras se apropriassem da leitura e desenvolvessem uma postura crítica diante dos temas abordados.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera; BORDINI; Maria da Glória (1993). **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder executivo, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

DORRICO, Trudruá; NEGRO, Mauricio (org.). **Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

JEKUPÉ, Olívio. A literatura nativa, seu valor, sua cultura. In: DORRICO, Julie; et al (Orgs.) Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio**. São Paulo: Companhia da Letrinhas, 1996.

NEGRO, Maurício (org.). **Nós: uma antologia de literatura indígena**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

SEGABINAZI, Daniela Maria. Aula de literatura: o imaginário coletivo sobre minorias e gênero nas obras de ficção e nas leituras dos leitores. In: B-ARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (org.). **Ensinar literatura através de projetos didáticos e de temas caracterizadores**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

THIÉL, Janice. Pele silenciosa, pele sonora a literatura indígena em destaque. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica,
2012. 262 p.

VÊLUZ, David; MEIRELLES, Renata (dir.). **Do colo da Terra**. Brasil: Território do Brincar; Ludus Vídeos e Cultura, 2025. Documentário (75 min).

YAMÃ, Yaguarê. **Pequenas guerreiras**. São Paulo: FTD, 2013.